

PRÁTICAS DE REPRESENTAÇÃO DA IDENTIDADE

O caso do Grupamento de Provisórios Pé-no-Chão de Palmeira das Missões

Resumo: Esse artigo busca fazer uma investigação sobre a identidade, representação e cultura do gaúcho a partir da obra de Nicolau Mendes, O pé-no-chão: o pé de Palmeira no chão de São Paulo. A obra narra os feitos de um grupamento de provisórios, de Palmeira das Missões, que lutou na Revolução de 1932 em apoio a Getúlio Vargas. Apesar de buscar ser obra historiográfica, usa de elementos subjetivos bastante próximos da literatura para reafirmar os elementos relacionados às representações identitárias do gaúcho.

Palavras-Chave: identidade regional; cultura regional; representação; gaúcho; revolução.

Abstract: This article is an investigation on the identity, representation and regional culture, specifically on the gaucho, from the Nicholas Mendes work, O pé-no-chão: o pé de Palmeira no chão de São Paulo. The work tells the deeds of a grouping of temporary soldiers of the Military Brigade of Palmeira das Missões, who fought in the Revolution of 1932 in support of Getúlio Vargas. Although it seeks to be historiographical work, use of subjective elements close enough literature to reaffirm the elements related to identity representations of the gaucho.

Keywords: regional identity; regional culture; representation; gaucho; revolution.

O regionalismo do Rio Grande do Sul surgiu inspirado em um grande projeto do santa-mariense, Cezimbra Jacques, a partir do final do século XIX. A criação da cultura, das representações e identidade regional passou por um processo de escolha dos elementos que fariam parte do grande relicário sulrio-grandense.

Entre as escolhas, escritores e intelectuais anunciavam a história de um passado glorioso, com seus heróis formadores. Feito isso, passou-se à difusão desse patrimônio histórico idealizado para constituir um sentimento de pertencimento a todos aqueles que viessem a nascer entre os limites do Estado.

Uma das formas mais eficientes de difusão é a literatura, não apenas a ficcional, mas também a literatura que se apresenta como histórica. Esse é o caso da obra *O pé-no-chão: o pé de Palmeira no chão de São Paulo*, de Nicolau Mendes, publicado, inicialmente, em 1937 com segunda edição em 1958.

Natural de cidades de Palmeira das Missões, Nicolau Mendes é identificado como jornalista e tendo sido um dos membros do Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Porto Alegre e da Associação Rio-Grandense de Imprensa. Também foi um dos fundadores do Grêmio Ijuicense de Letras. Durante a Revolução de 32, desempenhou o posto de Secretário do grupamento de provisórios do 3º CABM que passou à história com o nome de Pé-no-chão. A obra trata desse período histórico e dá destaque ao grupo de soldados que foram até São Paulo unir-se a outras forças para manter Getúlio Vargas no poder.

A análise que propomos tem como objetivos observar as formas que as representações simbólicas do gaúcho são recriadas nos soldados do 3º CA, de Palmeira das Missões, e como os seus feitos na guerra podem servir para dar continuidade ao processo de reforçar o sentimento de pertencimento à cultura regional através das suas representações. Também busca analisar como são recriadas essas representações nos dias atuais.

O estudo se constitui em uma forma de percebermos como são recriadas e construídas novas as representações do gaúcho na contemporaneidade.

Para alcançarmos os nossos objetivos, será utilizado um embasamento teórico sobre os conceitos de representação, identidade e cultura de autores como Stuart Hall, Kathryn Woodward, Roger Chartier, Roy Wagner, Dennis Cuche, Clifford Geertz.

O soldado Pé-no-chão e suas representações

Natural da cidade de Palmeira das Missões, Nicolau Mendes é identificado como jornalista tendo sido um dos membros do Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Porto Alegre e da Associação Rio-Grandense de Imprensa. Também foi um dos fundadores do Grêmio Ijuicense de Letras. Durante a Revolução de 32, desempenhou o posto de Secretário do Terceiro Corpo Provisório que passou à história com o nome de Pé-no-chão.

O livro *Pé-no-chão: o pé de Palmeira no chão de São Paulo* (1958) trata desse período histórico e dá destaque ao grupo de soldados que foram até São Paulo unir-se a outras forças para manter Getúlio Vargas no poder. No prólogo sabe-se que a primeira edição do livro é de 1937, ou seja, cinco anos após o fim do conflito que abalou a história política do Brasil. De uma forma geral, a obra busca ser uma contribuição para a história do Rio Grande do Sul. Traz relatos da guerra usando um discurso descritivo e, em algumas vezes, usa do discurso direto de alguns dos principais personagens do grupamento Pé-no-chão, como é o caso do seu comandante, coronel Serafim de Moura Assis.

O texto de apresentação de Oscar Mendes faz um breve relato sobre os primórdios da história do Rio Grande do Sul, destacando as lutas entre portugueses e espanhóis que formaram “uma raça que se afeiçãoou às escaramuças guerreiras, mesmo antes das lides da terra”. Dessa forma, o “fatalismo histórico da fronteira o principal responsável pela característica guerreira do nosso povo” (MENDES, 1937, p. 5) formou aquilo que foi considerado uma “etnia maravilhosa” a partir dos bandeirantes cruzados com charruas e minuanos, e os portugueses açorianos.

Além das lutas constantes com o castelhano, o texto reafirma o discurso de outros autores ao dizer que o povo sul-rio-grandense também fora moldado pelas adversidades das “invernias rigorosas” e as lides campesinas, basicamente na busca pelo gado alçado. De acordo com o autor do texto, por conta desses atributos conferidos aos antepassados, não seria de causar “espanto a bravura dum corpo provisório, que vai decantada nas páginas deste livro”, pois os feitos do Pé-no-Chão “são de ontem, se tomarmos como referência a história da formação do Rio Grande” (MENDES, 1958, p. 6).

O texto faz uma evocação ao passado do Estado que se pretende glorioso. Ao estabelecer um vínculo simbólico entre esse e o grupo de soldados de Palmeira das Missões, o autor do texto propõe ao leitor uma interpretação: os soldados atuais trazem consigo a mesma bravura dos antepassados. Dessa forma, estarão presentes nos soldados palmeirenses, todas as representações atribuídas aos antepassados do Rio Grande do Sul, e se perceberá mais adiante que se referem aos farroupilhas.

Autores como João Pinto da Silva em sua obra, *História literária do Rio Grande do Sul* (1924), deixa claro que, devido às proximidades com as fronteiras com os espanhóis,

determinou-lhe “um espírito guerreiro e militar, instigando o ânimo para a luta e a belicosidade” (SILVA, 1924, p. 7-9). O mesmo autor fala das etnias que formaram esse mesmo tipo regional como sendo o português e espanhol, além do índio, do negro e do paulista. Mais tarde, Guilhermino César irá reforçar essas mesmas ideias em sua obra *História da literatura do Rio Grande do Sul* (1971). Esses dois autores não esgotam os debates sobre a formação do gaúcho, mas, por se tratarem de autores que analisaram a literatura sul-rio-grandense desde a sua formação, constitui-se em fontes importantes para a pesquisa e análise sobre as representações que envolvem o gaúcho. Para não nos estendermos muito, deixaremos de fora outros importantes autores.

A forma como autores de épocas diferentes preocupam-se com a formação do gaúcho, buscando suas matrizes formadoras, remete a uma interpretação a partir dos estudos feitos por Anne-Marie Thiesse. De acordo com a historiadora francesa, antes de ser uma “cartografia estatal” houve uma grande “mutação radical das representações” a partir “da elaboração de um sistema de identidades coletivas inteiramente novo” (THIESSE, 2001/2002, p. 7). Desse processo, participaram intelectuais, artistas e escritores e o resultado foi a construção de um modelo comum de produção das diferenças.

Nesse contexto revolucionário e ideológico, Thiesse (2011/2002, p. 8) nos mostra que a nação surgia como uma comunidade de nascimento, instituindo uma fraternidade entre seus membros constituintes. Para garantir a sua existência, deveria ser criada uma identidade a partir de um patrimônio comum. A lista desse patrimônio foi bem definida: ancestrais fundadores, uma história comum, uma galeria de heróis, uma língua, monumentos culturais, lugares de memória, paisagem típica, indumentária, alimentação e objetos típicos. Após o levantamento desse check list, conforme a expressão usada pela pesquisadora francesa, passou a ser feito um trabalho pedagógico para que cada vez mais pessoas conhecessem as relíquias do seu passado e nelas se reconhecessem e houvesse um sentimento de pertença. Num mundo em que são travadas disputas simbólicas, posiciona-se no centro da disputa um poder também simbólico.

O diálogo que se estabelece entre o livro de Nicolau Mendes, desde a introdução de Oscar Mendes, e outros autores sul-rio-grandenses em relação à formação do gaúcho, permanecem em sintonia entre si e entre o estudo de Thiesse concernente ao check list identitário. Perceba-se que toda vez que se fala da formação do gaúcho há referência a sua índole guerreira, da ampla disposição para a guerra, da habilidade no manuseio das armas. Essas mesmas representações aparecem em várias passagens do livro.

Em uma delas, cinco dias após terem sido reunidos, pela parte da tarde, foi dado o toque de clarim para reunir a todos. As palavras de Mendes trazem uma subjetividade quase literária ao afirmar que o som do instrumento “falou à alma do gaúcho, como recordando refregas terríveis, em que o Rio Grande cresceu para a vitória” (MENDES, 1958,

p. 12). O autor sugere que o som do clarim faz renascer na alma de cada gaúcho a representação da índole guerreira adormecida, mas que desperta sempre que é chamado a lutar.

Diversas foram as referências às representações dos farroupilhas aos soldados provisórios de Palmeira das Missões. Durante a espera por ordens superiores, em Santa Bárbara do Sul, os soldados aguardavam “à roda de fogões”, algo que lhes dava a aparência de serem “bem os descendentes dos imortais farroupilhas” (MENDES, 1958, p. 13). Também na marcha a pé até Passo Fundo, a tropa de quinhentos homens seguia entusiasmada, pois:

levavam como escudo, a tradição dos guerreiros do Sul, tradição que, jamais, em qualquer emergência, poderiam olvidar, ou empanar-lhe o brilho resplandecente que, desde a Epopeia dos Farrapos até a formidável arrancada de 1930, sempre e sempre, num crescendo extraordinário, adquiriu maior fulgor” (MENDES, 1958, p. 15-16).

Mendes faz acréscimos quanto aos atributos dos soldados do grupamento de provisórios, atribuindo a bravura deles aos antepassados formadores do Rio Grande do Sul, algo que lhes confere também ares nobres, uma breve relação com a representação do monarca das coxilhas. O uso de uma linguagem literária busca, na sua subjetividade, criar imagens mentais no leitor que poderão estabelecer um sentimento de pertencimento. Observemos o texto:

É que nas veias dos homens do coronel Serafim de Moura Assiz corria o sangue rútilo e indomável, que estua nas veias de todos os homens do Rio Grande do Sul. Sangue bravo, atavicamente afeito ao fragor das batalhas cruentas, que se derrama nobremente, sem uma queixa, quando em holocausto à Pátria estremecida, - esse glorioso e vasto Brasil. Assim foi no Paraguai, assim foi em todas as cruzadas, assim será sempre! (MENDES, 1958, p. 16)

Ao ultrapassar a divisa com Santa Catarina, o coronel Serafim manda enviar um telegrama ao governador Flores da Cunha. Mendes usa um tom que mostra toda a gravidade do momento, mas que não é suficiente para esmorecer o ânimo daqueles que se empenham em manter e preservar as tradições dos antepassados. Observe-se o que ele diz:

Atravessamos hoje rio Uruguai, transpondo fronteira nosso amado Rio Grande. Traçamos bem vivo sentimento nossa responsabilidade em face nossas gloriosas tradições soldados gaúchos, nos quais confiai, nosso general. Aceitai nossas despedidas, feitas ainda olhos postos nossa estremecida terra, que deixamos com saudades, mas onde só tornaremos com honra, pois é divisa incisamente gravada no coração de cada soldado: “Desta viajada ou se volta com honra ou não se volta mais”. (MENDES, 1958, p. 26-27)

A partir do momento em que se estabelece uma relação direta entre os soldados do

3º CA e o seu comandante com os antepassados farroupilhas e suas representações, outras que forem atribuídas também terão o mesmo valor. No final do telegrama, o coronel Serafim faz uma referência à honra. Essa passagem pode ser vista como mais uma representação do gaúcho, pelo que podemos captar da própria literatura regional.

O escritor pelotense, Simões Lopes Neto, em *Contos gauchescos*, através das narrativas de Blau Nunes, apresenta uma série de representações atribuídas a um tipo regional idealizado. Entre elas está a do gaúcho honrado, com gestos e comportamento nobres. A fama de aguerrido não lhe tiraria as atribuições nobres e mostraria um coração benevolente para com o inimigo. Foi assim que, entre o coronel Serafim e o coronel Arlindo, comandante de uma das forças paulistas feito prisioneiro, estabeleceu-se uma forma de tratamento entre os dois comandantes, como uma forma de amizade, pois “mesmo numa tal circunstância, não medram ódios e o vencedor respeita o vencido. Esse é um dos filões de ouro dos costumes gaúchos” (MENDES, 1958, p. 67). O coronel inimigo ao mostrar o seu reconhecimento ao adversário quando, segundo Mendes, informa como caíra prisioneiro: “nunca imaginei que houvesse gente naquele lugar. Aliás, eu não sabia que tinha, pela frente, gaúchos; do contrário, teria tomado outras precauções”.

Ao longo de toda a obra, haverá grande destaque também para o coronel Serafim de Moura Assis, que foi comparado aos “gaúchos de antanho” por ser “alto, forte, espadaúdo”. Considerado grande líder e estrategista do grupo palmeirense, foi-lhe atribuído também como sendo “bravo comandante do Pé-no-chão, que já havia alcançado, pelo seu admirável tino militar, enorme cartel de vitórias para a denodada falange, que tão brilhantemente dirigia” (MENDES, 1958, p. 83). Além desses atributos, o autor concede ao coronel Serafim certa ousadia. Ao tomarem a Fazenda Santa Inez, considerada um ponto estratégico, o coronel achou que, para completar as glórias de seu grupo, deveriam abater um avião inimigo. Foi com essa ideia que, ao surgir um “aparelho de caça, rápido como andorinha, agressivo como um gavião” (MENDES, 1958, p. 84), as metralhadoras do Pé-no-chão atingiram o aparelho, mas não o derrubou.

Ao descrever a primeira batalha do 3º CA, o autor volta a usar de um estilo literário. Havia nervosismo, porém os soldados estavam na “expectativa de lances épicos, feitos gloriosos e, por assim dizer, ao par desse natural estado de alma, estavam, ao mesmo tempo, satisfeitos e cheios de ardor combativo” (MENDES, 1958, p. 35). Para dar uma forma de grandiosidade à guerra, dar-lhe destaque e, dessa forma, engrandecer os feitos do grupamento, Mendes comparou algumas batalhas com a Segunda Guerra Mundial como forma de dar grandiosidade tanto ao conflito que estava narrando, como uma forma de valorizar os feitos do grupamento gaúcho. Observemos as suas palavras:

Os tercerianos, ardendo pelo entrevero, gritando, vociferando insultos, aos pulos, saíram das macegas e, numa arrancada de vida ou morte, facões desembainhados, como

uma legião de demônios, saltando cercas de arame farpado, atingem as trincheiras inimigas, conquistando-as galhardamente, à custa de sangue e sacrifício, numa luta que, segundo técnicos, não foi inferior às rudes batalhas travadas na Grande Guerra! (MENDES, 1958, p. 40)

Em outras passagens, Mendes irá se referir ao uso dos facões por parte dos soldados. Uma das representações simbólicas do gaúcho, além da habilidade em montar a cavalo e a bravura, também diz respeito ao manuseio de armas, entre elas o facão. Seu uso remete a uma forma de luta que só seria praticada por aqueles que não temem o enfrentamento corpo-a-corpo, ou “de pelo encostado”, como se refere o autor. Mendes (1958, p. 44) nos relata que os paulistas, ao tentarem retomar as posições perdidas, foram rechaçados pelos “bravos tercerianos, com ímpeto irresistível” fazendo “alguns deles provar o fio de seus facões” e, depois disso, “começou a lavrar o terror entre os rebeldes, sempre que tinham à frente o provisório palmeirense”.

Ao longo do texto, as várias representações simbólicas atribuídas ao gaúcho vão surgindo e são refletidas nos soldados palmeirenses. De acordo com Hall (1997), a representação ocupa um novo e importante lugar nos estudos culturais, pois ela conecta sentido e linguagem à cultura. Constitui-se também em uma parte essencial do processo pelo qual o sentido é produzido e trocado entre membros de uma cultura. Finalmente, envolve o uso da linguagem, de signos e imagens que respondem por ou representam coisas.

Se observarmos o verbete de um dicionário, representar consiste em descrever, apresentar, expressar ou designar algo usando um termo ou um símbolo. Também significa substituir algo ou alguém que não está presente por um objeto que o represente. Uma bandeira representa um país, por exemplo. Sendo assim, a representação dos antigos combatentes farroupilhas, de acordo com Mendes, se percebe nos soldados do 3º CA. Havendo o estabelecimento dessa cultura de culto aos heróis do passado, parece bastante natural ao leitor fazer essa mesma relação. Pela representação dada aos antepassados, seria de acreditar que se tratavam de pessoas diferenciadas em seu porte físico privilegiado em relação a outros que não pertencessem ao grupo. A forma de perceber a diferença a partir das representações, também remete aos estudos de Thiesse. As representações que foram criadas para o gaúcho estabeleceram diferenças entre aqueles que pertencem e não pertencem ao Rio Grande do Sul. Por conseguinte, todos que aqui nascessem trariam consigo as representações simbólicas dos antepassados.

Seguindo o raciocínio, Hall (1997, p. 4) entende a representação como sendo um “sistema pelo qual todos os tipos de objetos, pessoas e eventos são correlacionados a um conjunto de conceitos ou representações mentais que nós carregamos em nossas cabeças”. Se tomarmos como exemplo as passagens do texto que se referem aos soldados como possuindo “ardor combativo”, estando todos “ardendo pelo entrevero”, e atacando o inimigo

como uma “legião de demônios”, não basta apenas criar uma imagem, mas difundir a ideia de que ela representa um povo, uma nação. Essa difusão, de acordo com Thiesse, depende de um amplo projeto pedagógico. Observemos suas palavras:

La nation naît d'un postulat et d'une invention. Mais elle ne vit que par l'adhésion collective à cette fiction. Les tentatives avortées sont légion. Les succès sont les fruits d'un prosélytisme soutenu qui enseigne aux individus ce qu'ils sont, leur fait devoir de s'y conformer et les incite à propager à leur tour ce savoir collectif. Le sentiment national n'est spontané que lorsqu'il a été parfaitement intériorisé ; il faut préalablement l'avoir enseigné. La mise au point d'une pédagogie a été le résultat d'observations intéressées lorsqu'elles semblaient efficaces (THIESSE, 2001, p. 14)¹

Dessa forma, um grupo que busca o reconhecimento identitário, a sua reafirmação ou dar prosseguimento a um projeto pedagógico da sua cultura, não mede esforços no sentido de despertar o sentimento de pertencimento das representações e símbolos no leitor identificado com essa mesma cultura.

Completando o pensamento de Thiesse, Stuart Hall dá a tudo isso o nome de “sistema de representação”, pois consiste em diferentes formas de organizar, agrupar, arranjar e classificar conceitos, e em estabelecer relações complexas entre eles. Podemos usar princípios de similaridade e diferença para estabelecer relações entre conceitos ou distingui-los uns dos outros. Esses conceitos são organizados, arranjados e classificados em relações complexas com os outros. Hall (1997, p. 4-5) completa dizendo que o “sentido depende da relação entre as coisas no mundo – pessoas, objetos e eventos, reais ou ficcionais – e do sistema conceitual, que pode operar como representação mental delas”.

Cada pessoa entende e interpreta o mundo de uma forma única, no entanto, podem se comunicar compartilhando praticamente os mesmos “mapas conceituais” e, dessa forma, interpretam o mundo de maneiras “grosseiramente” similares. Sob esse aspecto pode-se dizer que as pessoas pertencem a uma determinada cultura ou podemos “construir um mundo social em que habitamos juntos” (HALL, 1997, p. 5). O sociólogo jamaicano ainda nos demonstra que não basta termos um mapa conceitual. Será preciso sermos capazes de representar ou trocar sentidos e conceitos, e isso só será possível se tivermos acesso a uma linguagem compartilhada. O mapa conceitual compartilhado deve ser traduzido, portanto, em uma linguagem que seja acessível para que, dessa maneira, possamos correlacionar os conceitos que desejamos com certas palavras escritas, sons ou imagens visuais.

¹ A nação nasce de uma suposição e de uma invenção. Mas, ela vive apenas pela adesão coletiva a essa ficção. As tentativas que falharam são grandes. O sucesso é fruto de um proselitismo que ensina às pessoas o que elas são, qual o seu dever a cumprir e incentivá-las a difundirem esse conhecimento coletivo. O sentimento nacional é espontâneo quando tiver sido completamente interiorizado; é necessário ser previamente ensinado. A elaboração de uma pedagogia foi o resultado de observações quando pareciam eficientes. (Tradução minha).

Conforme já dissemos, uma das formas mais eficientes de ser feita a difusão dos discursos de um grupo que se propõem a afirmar a sua identidade cultural, é através da literatura. Como forma de compreendermos alguns aspectos sobre como funciona esse processo, passemos a abordar os estudos do historiador francês, Roger Chartier.

O trabalho de pesquisa de Chartier buscou compreender como circulavam os textos, como modificavam as formas de sociabilidade e transformavam as relações de poder nas sociedades do Antigo Regime, entre os séculos XVI e XVIII, na França. Para alcançar seus objetivos, o pesquisador levou em conta três aspectos: o estudo crítico dos textos, literários ou não; a história dos livros e a análise das práticas que se apreendem dos bens simbólicos, produzindo assim usos e significações diferenciadas.

Duas hipóteses orientaram a pesquisa de Chartier, organizada a partir de um corpus de literatura, ou a partir do exame das práticas de leitura, ou ainda a partir da história de um texto específico destinado a diferentes tipos de público. Ele completa apresentando suas hipóteses:

A primeira hipótese sustenta a operação de construção de sentido efetuada na leitura (ou na escuta) como um processo historicamente determinado cujos modos e modelos variam de acordo com os tempos, os lugares, as comunidades. A segunda considera que as significações múltiplas e móveis de um texto dependem das formas por meio das quais é recebido por seus leitores (ou ouvintes). (CHARTIER, 1991, p. 178)

A partir da leitura desses textos, o autor percebeu uma organização que comandava a sua leitura, a sua apreensão e a sua compreensão, pois cada um deles produzia sentido e a leitura constitui-se sempre em uma prática encarnada em gestos, espaços, hábitos.

Outro aspecto na abordagem dos textos diz respeito à competência de leitura. Há diferenças na relação do leitor com o texto, pois ninguém lê da mesma maneira o mesmo texto. Há contrastes entre normas de leitura em cada comunidade de leitores, usos do livro, modos de ler ou procedimentos de interpretação. Há também contrastes “entre as expectativas e os interesses extremamente diversos que os diferentes grupos de leitores investem na prática de ler” (CHARTIER, 1991, p. 179).

Dentro dos processos de representação, de acordo com Chartier (1991, p 183), as formas institucionalizadas e objetivadas trazem seus representantes que marcam de forma clara a existência do grupo, da comunidade ou da classe. Ao analisarmos as lutas de representação dos grupos sociais, encontramos duas vias:

Uma dupla via abre-se assim: uma que pensa a construção das identidades sociais como resultando sempre de uma relação de força entre as representações impostas pelos que detêm o poder de classificar e de nomear e a definição, de aceitação ou de resistência, que cada comunidade produz de si mesma; outra que considera o recorte social objetivado como a tradução do crédito conferido à representação que cada

grupo dá de si mesmo, logo a sua capacidade de fazer reconhecer sua existência a partir de uma demonstração de unidade (CHARTIER, 1991, 183-184).

As representações dos antepassados do Rio Grande do Sul, na figura dos farroupilhas, já estavam consolidadas pelo Estado devido à difusão bem sucedida. Faltava ser criada uma representação para os soldados do 3º CA que lhes garantisse o mesmo status de representantes de um povo e, por conseguinte, o seu pertencimento a todas as representações que pudessem identificar todos aqueles que nasceram entre os limites territoriais do Rio Grande do Sul.

Após o combate do Buri, os soldados paulistas, da Paraíba e Pernambuco perceberam que os soldados de Palmeira das Missões portavam suas botas presas à cintura e andavam descalços. Foi daí que passaram a receber o apelido de “pés-no-chão” que, segundo o autor, seus inimigos “pronunciavam com certo terror”. Tanto o uso dos facões na luta corpo-a-corpo quanto ao hábito de não usarem as botas, marcaram a identidade dos soldados provisórios.

O texto sugere que a fama correu muito rápida entre as outras fileiras de combatentes, tanto aliados quanto inimigos, como podemos perceber em uma das muitas passagens do livro. Ao receber uma ordem do Coronel Serafim para forçar a passagem por uma ponte e tomar posições inimigas, percebendo que se tratava do 3º C.A. por que não usavam as botas, os soldados paulistas bateram em retirada. De acordo com Mendes, isso demonstrava uma ojeriza que os inimigos tinham dos soldados gaúchos. A partir do capítulo que narra os acontecimentos do mês de setembro, Mendes já trata o 3º CA como “o lendário Pé-no-chão”. Dessa forma, o autor formaliza a representação simbólica para todo o grupamento que, pelo seu comprometimento com as origens dos antepassados, passaram também a simbolizar um povo.

Em outras passagens, Nicolau Mendes buscou levar um tom poético ao texto, apresentando algumas descrições com o uso de metáforas e comparações: “Nesse dia, ainda 14 de julho, quase à tardinha, um sol de inverno, sol amarelo-pálido, como se sofresse de malalta, lançava, através de nuvens branquicentas, raios esmaecidos e frios” (MENDES, 1958, p. 13). Em outras passagens, o autor fazia referência aos aspectos peculiares da natureza na Campanha Gaúcha, ou aos costumes dos campeiros ou ainda às lendas que circulavam de fogueira em fogueira. Observe o texto do autor:

A noite caíra, havia muito. Noite nublada, em que o Minuano, a grande forja onde se temperam os soldados do Rio Grande, soprava, rijo, feroz, num uivar constante de lobo faminto, à espreita da presa. As labaredas dos fogos bailavam loucamente, num cirandar desordenado. Os soldados, friolentos, tomavam chimarrão – o “chopp” quente e verde do gaúcho. De quando em quando uma voz se ouvia, entrecortada pelo vento, cantando toadas alusivas à vida campesina.

À beira do aramado, depois de ter descrito uma curva rápida, dois olhos enormes, como boitatás fixos, estacaram, projetando no campo dois feixes de luz intensa. Era o mesmo automóvel que, de dia, levava o coronel Serafim ao Sobradinho (MENDES, 1958, p. 14)

Percebe-se que o autor buscou retratar as condições do ambiente a que estavam acostumados os homens e que seria o responsável pela “têmpera guerreira”. Como um contraponto aos costumes da cidade, o chimarrão seria o relativo ao chopp. Tanto essa comparação quanto a dos faróis do carro com os olhos da Boitatá, uma das lendas que, de acordo com as representações gauchescas, correm pelos campos e galpões, são a forma do autor recriar as tradições sob a ótica da contemporaneidade. Traduz o desejo do autor de estabelecer uma ligação com o passado nos seus dias atuais e de afirmar a identidade de todo nascido no Rio Grande do Sul e da sua responsabilidade de manter as suas tradições.

Para referir-se a um trem, o autor usa de metáfora: “A serpente de aço estacou por momentos em Marcelino Ramos” (MENDES, 1958, p. 26). Mais adiante, descreve a batalha em Apiaí, misturando-se os tempos verbais, inicialmente no tempo presente, buscando colocar o leitor dentro de uma ação dramática que ocorre no exato momento da leitura:

Agora aparecem asas no horizonte. Um ruído alarmante, como vindo das nuvens, anuncia a aviação. Sim. Mas não são aeroplanos inimigos, como primeiro se pensou. São os do Governo, que, nessa hora, 17:30, bombardeavam e metralhavam as posições paulistas, afastando-se logo (MENDES, 1958p. 39).

Descrevendo o amanhecer do dia 26 de agosto, antes de uma batalha:

As árvores, num gotejar contínuo de orvalho, como que choravam a brutalidade dos irmãos, que se iriam empenhar em mais um encarniçado combate. Era talvez a revolta da natureza contra o rei da criação, furioso e indomável, besta-fera inteligente, que inventara tantas e tantas coisas, dê do machado de pedra até a pólvora, para a destruição daquilo que Deus, na sua sublime bondade, lhe dera - o gozo da vida planetária. (MENDES, 1958, p. 57)

O autor permite-se de fazer reflexões filosóficas a partir do conflito de que fez parte como secretário e observador:

Dês do início do mundo, a humanidade se arma, avança, destrói, luta e sofre. Consequência da sua maldade infinita, que, mesmo na civilização do século XX, de que tanto se ufana a humanidade (!), exterioriza, de forma violenta e inaudita, seus arroubos pecaminosos de prostituta vaidosa e endurecida. (p. 58)

Mendes trabalha vários estilos em seu texto que contribuem para reforçar o drama

do momento do combate, sugerindo ao leitor todo o perigo enfrentado pelos soldados do regimento de Palmeira das Missões. Na mesma passagem, a referência ao deus romano, Júpiter, traz o tom épico para a narrativa:

Já havia três dias que o corpo de Palmeira descansava... Se é que se podia chamar descanso o de uma tropa que, diariamente, três e mais vezes, era assediada pelos bombardeios aéreos. E que bombardeios! Parecia que os aviadores paulistas enviavam das alturas, como Júpiter, sobre os bravos que, embaixo, infligiam derrotas sucessivas aos seus exércitos, todo o fogo do céu, como protesto e vingança, e toda sua cólera rebelada! (MENDES, 1958, p. 84)

Até agora foi possível perceber que Nicolau Mendes busca recriar as representações dos farroupilhas e do gaúcho no grupamento provisório de Palmeira das Missões. Consiste em trazer o passado para o presente em sua forma mística. No entanto, há uma preocupação com as mudanças impostas pela modernidade da época. Pelas palavras de Oscar Mendes na introdução da obra, no passado o gaúcho lutou pela consolidação das fronteiras do país e pela liberdade política e, naquele momento, buscava emancipar-se economicamente. O imperialismo, que substituíra o colonialismo, usava de armas sutis, mas eficientes contra as nações ainda subdesenvolvidas. Já alertava o autor que a propaganda, o cinema, o rádio, a literatura e outras formas que envolvessem a rede de relações humanas.

Como forma de combater esse imperialismo, em seu texto Oscar Mendes assegura que apenas os povos com tradição forte têm possibilidade de vencer essa força externa. A tradição não seria algo fixo, que não se adequa ao tempo. Como forma de ilustração, Oscar Mendes afirma que a carreta se constituía em um símbolo, pois fora substituída pelo motor. O carreteiro estaria simbolizado pelo motorista de caminhão. Dessa forma, outras ocupações e ofícios estariam ocupados por aqueles que descendessem de pessoas que trazem nas veias a tradição do povo. Como mantenedor dessa mesma tradição, Oscar Mendes apresenta o tradicionalismo nas pessoas de Barbosa Lessa, por exemplo, que orientam “no sentido de perpetuação dos valores morais que, prodigamente, nos foram legados pelos nossos antepassados” (MENDES, 1958, p. 7).

O autor estabelece uma ponte entre um passado que se pretende glorioso e o presente que moderniza a nação, aqui representada pelo Estado. O texto de apresentação de Oscar Mendes foi escrito em 1958, mas já existia uma forte preocupação dos efeitos da modernidade sobre as tradições. Desde o final do século XIX, o santa-mariense, Cezimbra Jacques (1912, p. 60), preocupava-se com o avanço da influência do colono europeu, fato que poderia colocar em risco as tradições e costumes sul-rio-grandenses, segundo a sua interpretação. A sua obra constitui-se em um amplo projeto que estabelece quais os pontos a serem preservados e repassados às novas gerações. Anos mais tarde, pessoas

engajaram-se no mesmo projeto de Cezimbra, retomaram as suas ideias e criaram o tradicionalismo. Entre eles, estava Barbosa Lessa, citado por Oscar Mendes. Além de estabelecer quais representações que o leitor deveria observar na obra, Oscar Mendes também faz um chamamento àqueles que se constituíram na elite pensadora desse mesmo projeto.

Uma das formas pelas quais as identidades são reivindicadas é por meio de pretensos antecedentes históricos. Muitos povos buscam afirmar, ou reafirmar, as suas identidades buscando elementos no passado que lhe garantam o direito de existir. Woodward (2012, p. 11-12), na base da discussão sobre as identidades, admite uma tensão entre perspectiva essencialista e não essencialista. A primeira sugere que existe um conjunto claro e autêntico de características compartilhadas entre os membros de um grupo social ou étnico, e não se altera com o tempo. A segunda focalizaria nas diferenças entre dois grupos e também diz respeito às formas de como as características mudaram ao longo do tempo.

As identidades são marcadas pelas diferenças. Uma, para existir, depende de outra fora dela. A asserção da diferença envolve a negação de que não existem similaridades entre dois grupos. Conforme nos ensina Bhabha (1988, p. 75) “existir é ser chamado à existência em relação a uma alteridade”. O livro de Nicolau Mendes deixa bem claro como as diferenças acontecem entre o grupamento dos soldados Pé-no-chão e os outros grupamentos a favor de Getúlio, e como os paulistas diferenciam os soldados adversários, especialmente, os de Palmeira das Missões. Não se trata de mero acaso, mas de reforçar a questão da identidade regional.

Na noite de 13 de agosto, segundo o autor, houve uma reunião de comandantes em que participou o general Lima e outros oficiais, incluindo o coronel Serafim. A ordem era atacar uma fortificação entre Buri e Capão Bonito. A empreitada se mostrava de difícil execução e um dos majores ponderou que seria muito arriscado e colocaria os seus soldados sob “mortífero fogo”. Após ouvir essa ponderação, o general Lima perguntou ao coronel Serafim o que ele pensava sobre o plano. Eis sua resposta:

O 3º Corpo é tropa do Rio Grande e do Brasil. Escolhido pelo general Flores da Cunha para aqui vir, é um Corpo sem instrução militar, como bem se sabe, mas irá aonde Vossa Excelência ordenar. Não quero dizer, com isto, que vença o inimigo; mas que briga, briga! Vossa Excelência verá! (MENDES, 1958, p. 31).

Essa resposta traz dois aspectos importantes para a obra. Uma delas, o autor faz uso do diálogo direto entre os personagens, o general Lima e o coronel Serafim, algo muito próximo da literatura. Nesse caso, o autor pode reforçar o empenho e a bravura dos soldados de Palmeiras das Missões através da fala do coronel: “mas, que briga, briga! Vossa Excelência verá!”. O outro aspecto refere-se ao fato de seu grupo não ser treinado, ao contrário de outros grupos, mas teria coragem suficiente para a missão. Ao contrário da opinião

do major, que se mostrou temerário à missão, o coronel não demonstrou insegurança, de acordo com as palavras de Mendes. O autor estabelece, através da linguagem literária, a diferença entre os soldados de outros grupamentos e o seu, um fato que passa a incluir as representações dos combatentes gaúchos.

Por outro lado, os soldados paulistas passaram a identificar os soldados gaúchos a partir da particularidade de não usarem botas. Essa forma de identificação, relacionada com a forma de lutar, fez com os paulistas reconhecessem o seu inimigo.

A autora apresenta aspectos sobre a identidade a partir dos estudos do historiador canadense, Michael Ignatieff. Inicialmente, para entendermos como a identidade funciona é preciso conceitualizá-la e dividi-la em diferentes dimensões. A identidade envolve reivindicações essencialistas sobre quem pertence e quem não pertence a determinado grupo, e essas reivindicações estão baseadas, entre várias particularidades, a uma versão essencialista do passado e da história, sendo essa construída ou representada como uma verdade imutável. As identidades podem ser marcadas por uma representação simbólica, podendo ser uma bandeira ou qualquer elemento que identifique o grupo. Tanto o social quanto o simbólico referem-se a processos diferentes, no entanto cada um deles é importante e necessário para a construção e manutenção das identidades.

A definição sobre a identidade passa pela relação entre cultura e significado e é por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos. Somente através dos sistemas simbólicos será possível nos tornarmos naquilo que somos e naquilo no qual podemos nos tornar. Os símbolos se constituem em forte instrumento de representação da realidade sendo “os instrumentos por excelência da integração social” e o poder simbólico “é um poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem gnoseológica” (BOURDIEU, 2012, p. 9-10).

As representações, das quais os sistemas simbólicos fazem parte, compreendem um processo cultural que podem fornecer respostas às questões: quem sou eu? O que eu poderia ser? Quem eu quero ser? Assim, os “discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar” Woodward (2005, p. 18).

Sob esse aspecto, para seu resultado efetivo, o discurso deve ser eficaz no seu objetivo para incutir nas pessoas o pertencimento ao que se proclama e, dessa forma, os sujeitos possam se identificar e imbuir-se do espírito de pertencimento. Woodward (2005, p. 19) traz o pensamento de Jonathan Rutherford quando esse diz que a identidade marca “o encontro de nosso passado com as relações sociais, culturais e econômicas nas quais vivemos agora” e, portanto, “a identidade é a intersecção de nossas vidas cotidianas com as relações econômicas e políticas de subordinação e dominação”.

As pessoas, ao se envolverem nos processos de construção ou reconstrução da iden-

tidade, se sentem pertencentes a uma unidade que, para citar uma expressão de Benedict Anderson (2008, p. 32-33), trata-se de uma comunidade imaginada. O conceito foi desenvolvido a partir de suas teorias sobre as nacionalidades e fornecer um fundo histórico para o nacionalismo. No entanto, a grande contribuição de sua obra, *Comunidades imaginadas*, diz respeito a como os membros de uma comunidade trazem em suas mentes uma imagem mental de afinidade mútua.

Ao afirmar uma determinada identidade, podemos buscar legitimá-la por referência a um suposto e autêntico passado - possivelmente um passado glorioso, mas, de qualquer forma, um passado que parece “real” - que poderia validar a identidade que reivindicamos. (ANDERSEN, 2008, p. 28)

Woodward (2012, p. 28) reflete sobre o conceito de identidade cultural desenvolvido por Stuart Hall em que ele parte da questão de quem e o que nós somos quando falamos, pois “o sujeito fala, sempre, a partir de uma posição histórica e cultural específica”.

Pensando nessas ideias, seguiremos a uma análise do livro de Nicolau Mendes para encontrarmos os elementos que reforçam a questão da identidade regional do Rio Grande do Sul, através de um sistema simbólico e suas representações construídas.

Ao final do capítulo de apresentação, Oscar Mendes deixa claro que, o objetivo de levar o livro a sua segunda edição, é de fazer um “relato honesto, por fiel, de feitos de heroísmo, é bem um hino de louvor à bravura gaúcha, bem representada pela bravura do decantado corpo provisório palmeirense” e, por esse motivo, o livro “merece figurar na estante de todos os que amam as nossas coisas e o nosso povo” (MENDES, 1958, p. 7-8). Dessa forma, as representações são mantidas, difundidas, reforçadas e recriadas.

Enquanto Oscar Mendes propõe um livro com “relato honesto”, o próprio autor da obra, Nicolau Mendes (1958, p. 10) afirma que a obra traz uma “narrativa imparcial, fiel, da brilhantíssima atuação dum corpo provisório que, em São Paulo, gloriosa terra bandeirante, impôs, de modo decisivo, o valor das armas gaúchas nos diversos combates”. O autor afirma que em Palmeira das Missões seria fácil compor um grupo de soldados provisórios, pois os homens eram “dados às lides guerreiras, bravos até a temeridade, obedientes até a humildade” (MENDES, 1958, p. 11). Ao longo de toda a obra, Mendes irá referir-se ao grupamento com expressões que mostram a sua admiração por aqueles que foram escolhidos para seguirem até São Paulo.

De acordo com Hall, as representações mantêm estreita relação com a cultura e as identidades. As representações dos farroupilhas aos soldados provisórios de Palmeira das Missões constituem um discurso de como deve ser visto e interpretado o gaúcho. Ao usar em algumas passagens do texto uma forma que se aproxima da literária, o autor cria um sentimento de pertença naqueles que se identificam por nascimento com o Estado.

Pela sua forma quase didática de apresentar as representações dos antepassados farroupilhas renascidas nos soldados provisórios de Palmeira das Missões, todas elas constituintes da cultura sul-rio-grandense, o autor se aproxima do conceito de cultura do antropólogo britânico, Edward Burnett Tylor (1832-1917) quando ele afirmava que a cultura resumia-se à expressão da vida social do homem, ou seja, a cultura representa o conjunto que inclui o conhecimento, as crenças, a arte, a moral, o direito, os costumes entre outras capacidades do homem enquanto membro da sociedade. Cultura seria, portanto, algo a ser aprendido e não teria caráter hereditário (CUCHE, 1999, p. 35). Portanto, encontramos sob essa abordagem uma forma de descrever a cultura como um conjunto de atribuições para que cada pessoa possa dizer que faz parte de um determinado grupo social ou cultural.

As descrições que Nicolau Mendes faz dos acontecimentos, as ações dos soldados, as interjeições, o uso de as figuras de linguagem e outros recursos literários, permite uma visualização das imagens descritas que envolvem o leitor. Vejamos, a partir de um exemplo, a descrição do coronel Serafim como um sujeito alto e espadaúdo comparado aos gaúchos de antigamente, permite criar uma imagem mental que sirva de representação dos antepassados. O autor nunca esteve no mesmo tempo em que os mesmo gaúchos aos quais se refere, mas, para o autor, a representação dos antepassados ressurgem na figura do próprio coronel Serafim.

Ao fazermos uma breve reflexão a partir do pensamento de Saussure (1973, p. 80), a palavra “gaúcho”, como um signo linguístico une uma imagem acústica a um conceito. A imagem acústica dessa palavra constitui-se em uma impressão psíquica desse som que, por sua vez, sendo um elemento muito difundido na cultura regional do Rio Grande do Sul, traz uma representação desse mesmo elemento, não um objeto ideal, mas um que faz parte de nossos sentidos, ou dos sentidos daqueles que se reconhecem nele. Como disse Carvalho (2004, p. 30), se constitui na “representação mental de um objeto ou da realidade social em que nos situamos, representação essa condicionada, plasmada pela formação sociocultural que nos cerca desde o berço”. O signo linguístico da palavra “gaúcho”, portanto, estabelece uma relação fundamental para os projetos identitários, por conseguinte, com a cultura.

Quase ao final do século XX, Clifford Geertz (2008) defende o conceito de cultura como sendo essencialmente semiótico, onde o homem está amarrado a sua teia de significados tecida por ele mesmo. O mesmo autor afirma que, se a cultura é pública, o seu significado também deve ser, mas, para isso, os significados devem ser compartilhados. Dentro dos sistemas simbólicos são criadas representações que irão responder pelos projetos empenhados na criação de identidades culturais, ou para reafirmá-las.

Se entendermos que, a partir da difusão de todos os elementos componentes do

check list identitário do Rio Grande do Sul, desde o século XIX, o significado da palavra “gaúcho” está emaranhada nessa teia de significados da cultura regional sul-rio-grandense. Assim, torna-se fácil estabelecer uma relação direta entre os soldados de Palmeira das Missões e as representações do gaúcho que são tradicionalmente aceitas, atualmente.

Ao analisarmos a cultura de forma mais ampla, encontramos uma relação bastante próxima entre os mapas conceituais de Stuart Hall e a teia de significados de Geertz (2008, p. 4). Os significados, que devem ser compartilhados para fazerem sentido ao grupo social, compõem o feixe identitário do grupo. As identidades adquirem sentido através da linguagem e dos sistemas simbólicos pelos quais elas são representadas, no entanto, são tantas quantas as representações que as compõem.

A guerra findou em 3 de outubro de 1932 e, como forma de enaltecer a bravura dos paulistas e relacionar os feitos do 3º C.A., o autor descreve:

A revolução constitucionalista provou inequivocamente, que o valor guerreiro é atributo imanente à toda a nação. E o povo bandeirante, muito especialmente, comprovou o acerto, igualando, na bravura, no espírito de sacrifício, os nossos gloriosos farroupilhas, quase um século depois da epopeia da República de Piratini. (p. 125)

Até mesmo o ponto de vista ideológico. As indômitas falanges de centauros, levadas aos campos de batalha por Bento Gonçalves, em 1835, bateram-se, já então, pelo regime republicano; o povo paulista, em 1932, saiu a campo, mesmo sabendo que ia ter pela frente o inferno da luta desigual, empunhando a bandeira da constitucionalização da Segunda República. (p. 125)

Como forma de marcar as diferenças:

os destemidos bandeirantes, habituados à vida das cidades do grande Estado, não afeitos à intempérie, à luta do homem contra homem e contra a natureza, como o são os filhos do Pampa, no prélio pró-constituição reviveram, com grande brilho, o valor dos homens das bandeiras de antanho. (p. 126)

Ao final do livro, Mendes afirma que buscou descrever “com fidelidade e nitidez todos os feitos atribuídos ao 3º C.A.” e acrescenta:

Estreante e, sobretudo, sem ambiente de intelectuais no rincão onde vivemos, fizéramos o máximo a nosso alcance para, sem grave ofensa à sensibilidade dos exponentes da literatura gaúcha, satisfazer, com a presente crônica, o nosso pendor pelas letras e, dalguma sorte, prestar modesto subsídio à história duma época (MENDES, 1958, p. 133).

Ao buscar retratar uma época, o autor também apresenta-se como testemunha ocular dos feitos de um grupamento de soldados provisórios, de seus feitos e ações que fo-

ram comparadas às representações dos antepassados. Afirmou que seu maior objetivo foi trazer sua contribuição para a história e os historiadores do futuro “na constituição da história militar do nobre povo farroupilha” (MENDES, 1958, p. 138).

Considerações finais

Ao longo da análise da obra de Mendes, pudemos perceber várias referências às representações dos farroupilhas nas figuras dos soldados do 3º C.A. No entanto, ao contrário dos soldados de 1935, que eram anônimos, Mendes fez algumas referências a alguns soldados mortos durante as batalhas. Por outro lado, enquanto os chefes farroupilhas foram privilegiados pela História, da mesma forma o coronel Serafim recebeu amplo destaque pela sua forma de comandar e de ser um excelente estrategista.

A obra não busca tornar os soldados do grupamento Pé-no-chão superiores aos farroupilhas, mas em criar uma representação da representação dos farroupilhas e dar-lhe continuidade através da difusão, inicialmente, literária. Outra forma encontrada foi a construção de um monumento em homenagem ao gaúcho Pé-no-chão, na Praça Nassib Nassif, no centro do município de Palmeira das Missões.

O Movimento Tradicionalista Gaúcho publicou uma revista de mais de duzentas páginas, trazendo artigos de autores que representassem cada uma das regiões tradicionalistas. O objetivo da obra é de “oportunizar a que cada entidade, cada localidade ou mesmo cada cidadão possa expressar ou mostrar porque tem orgulho de ser (pertencer) ao SUL” (SAVARIS, 2014, p. 6). De acordo com a pedagoga, a obra permite valorizar os diferentes aspectos da formação da sociedade gaúcha e o legado cultural das etnias formadoras, além de outros aspectos culturais, como indumentária, música e dança, que serão trabalhados em escolas como forma de contribuir “para o fortalecimento do espírito de pertencimento necessário para a autoestima dos discentes” (SAVARIS, 2014, p. 6).

Completando a proposta da obra, a 17ª Região Tradicionalista (RT), que abrange Palmeira das Missões, traz um artigo que fala alguns aspectos sobre o soldado Pé-no-chão. Inicialmente, a proposta é de preservar a tradição, guardar a história e os feitos dos antepassados, conforme abaixo:

Quando voltamos nosso olhar para os tempos idos, buscando contemplar a época de nossos antepassados, e contemplar as eras remotas de nossa história, não procuramos encontrar e viver o passado. Procuramos sim, localizar e compreender a nossa origem. Procuramos perceber as raízes de nossas tradições ancestrais, e o tronco do qual, hoje, brotam os emblemas da identidade e o modo de ver o mundo e de ser, gaúcho (LIMA, 2014, 114)

O município surgiu com as primeiras povoações que exploraram o cultivo da erva-mate. Lima apresenta o município como muito hospitaleiro e, como um grande símbolo local, a coragem. A região, composta de muitas matas, eram ocupadas por caboclos “e ervateiros de mãos calejadas pelo facão no corte da erva, sapeco e rondas de carijo , se destacavam pela bravura com que se batiam contra armas de fogo” (LIMA, 2014, p. 115).

No município há um festival chamado Carijo da Canção Nativa e o mais prestigiado troféu leva o nome de Troféu Pé-no-chão, criado em 1986, quando ocorreu a primeira edição do evento. O objetivo era “resgatar do esquecimento”, aqueles que partiram para lutar a favor de Getúlio Vargas na Revolução Constitucionalista de 1932.

Lima (2014, p. 117) afirma que durante o festival nativista da Carijo da Canção Gaúcha, além da erva-mate e do chimarrão, são lembradas a valentia e a coragem dos “homens das matas” e “sua memória é revivida através nos versos e nas notas a eles dedicados, é revisitada no monumento ao Pé-no-chão, mas principalmente, é cultivada no Troféu Pé-no-Chão”.

Finalmente, a obra de Nicolau Mendes mostrou ser uma nova forma de recriar tanto as representações quanto a identidade do gaúcho. Tanto o troféu do festival nativista quanto o monumento ao gaúcho Pé-no-chão se constituem em preservação da memória e como forma de expressar a identidade de uma região.

Bibliografia

ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas**. São Paulo. Cia das Letras, 2008.

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1988.

BOAS, Franz. **Antropologia cultural: textos selecionados**. Apresentação e tradução, Celso Castro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. São Paulo: Bertrand, 2005.

CARVALHO, Castelar de. **Para compreender Saussure: fundamentos e visão crítica**. Petrópolis: Vozes, 2004.

CÉSAR, Guilhermino. **História da literatura do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Globo, 1971.

CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Algés, Portugal: Difusão Editorial, 2002.

CHARTIER, Roger. **O mundo como representação**. Estudos Avançados 11 (5), 1991. Disponível em <<http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/8601/10152>>. Acesso em setembro de 2011

CUCHÉ, Dennys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru: EDUSC, 1999.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

HALL, Stuart. The work of representation. In. **Representation: cultural representations and signifying practices**. London/TheLondon/Thousand Oaks/New Delhi: Sage/The Open University, 1997. (Trad. Ricardo Uebel). Disponível em <<https://pt.scribd.com/doc/313935926/Cap-1-Representation-Hall>>. Acesso em maio 2016.

LIMA, Henrique Pereira. 17ª Região Tradicionalista. In.: SAVARIS, Odila Paese. **Eu sou do Sul**. Porto Alegre: Fundação Cultural Gaúcha, 2014, p. 113-118. Disponível em <<http://www.youblisher.com/p/973405-EU-SOU-DOSUL/>>. Acesso em julho de 2016.

MENDES, Nicolau. **O pé no chão: o pé de Palmeira no chão de São Paulo**. Porto Alegre: La Salle, 1958.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 1973.

SAVARIS, Odila Paese. **Eu sou do Sul**. Porto Alegre: Fundação Cultural Gaúcha, 2014, p. 113-118. Disponível em <<http://www.youblisher.com/p/973405-EU-SOU-DO-SUL/>>. Acesso em julho de 2016.

SILVA, João Pinto da. **História literária do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre, Pelotas, Santa Maria: Livraria do Globo, 1924.

THIESSE, Anne-Marie. **Ficções criadoras: as identidades nacionais**. Anos 90, Porto Alegre, nº 15, 2001/2002. Disponível em <<http://www.seer.ufrgs.br/anos90/article/viewFile/6609/3932>>. Acesso outubro de 2011.

WAGNER, Roy. **A invenção da cultura**. São Paulo, Cosac Naify, 2010.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. P. 7-72.

Para citar este artigo:

NUNES, Paulo Bocca. A construção da identidade indígena na sociedade contemporânea. **Revista Litere** [on line]. Edição 1: Sapucaia do Sul, Aedos Editora, 2016. p. 64-71. Disponível em <<http://aedoseditora.com/revista-litere>>.

Paulo Ricardo Bocca Nunes

Nasceu em Canoas, RS, em 1961. Graduado em Letras pela FAE-ISSE, de Sapucaia do Sul, RS. Especialista em Literatura e Cultura Brasileira e Portuguesa pelo Centro Universitário Barão de Mauá, Ribeirão Preto, SP. Especialista em Cultura e História Indígena e Afro-brasileira pela Ulbra, Canoas, RS. Mestre em Letras, Cultura e Regionalidade, pela Universidade de Caxias do Sul, RS. Doutorando em Processos Culturais, pela Feevale, Novo Hamburgo, RS.

Trabalhou como ator, diretor teatral e contador de histórias desde 1983. Possui muitos trabalhos em espetáculos teatrais, TV e rádio. Tem participação constante em feiras do livro, eventos literários e de contadores de histórias no Rio Grande do Sul, no Brasil e no exterior.

Em 2011 tornou-se membro da Red Internacional de Cuentacuentos, com sede em Tenerife, Espanha, que reúne contadores de vários países nos cinco continentes. Foi um dos criadores e coordenadores do Festival de Contadores de Histórias promovido pela Biblioteca Lucília Minssen, da Casa de Cultura Mário Quintana, Porto Alegre, que acontece desde 2008.

Atualmente é professor de Língua Portuguesa do ensino fundamental da rede municipal de Novo Hamburgo, RS. Ministra cursos e palestras de contação de histórias e literatura infantil e cultura regional.

Informações e Contatos

www.pauloboccanunes.com

pauloboccanunes@pauloboccanunes.com

Obras de Paulo Bocca Nunes:

Para a infância

- Os amigos de Elvira
- Marcos e o monstro
- O construtor de nuvens
- O guardador de estrelas

Poemas

- Serenata serena
- Entre Luas e mares

Contos

- Almas esquivas

Crítica literária

- Literatura infantil contemporânea: capacitadora de leitores críticos

Tradução

- A arte do contador de histórias, de Marie Shedlock

Acesse o site da editora

www.aedoseditora.com

Contatos

aedoseditora@aedoseditora.com

comercial@aedoseditora.com